

## ENTREVISTA

## Guilherme Fiuza

## “Governo Lula tinha mais gula e bagunçou todo o legado do Plano Real”

Autor de “3.000 Dias no Bunker”, obra que inspirou filme sobre o Plano Real, retrata bastidores da guerra para criar moeda forte e estabilidade fiscal no Brasil, depois de anos de inflação e desequilíbrio

▄ RONDINELLI TOMAZELLI  
rtomazelli@redgazeta.com.br

Um presidente em mandato-tampão, um campo minado de denúncias dos Anões do Orçamento no Congresso, inflação disparada, crises institucional e econômica, o país à deriva. Poderíamos estar falando de 2016 e de 2017, mas foi nessa convulsão que o Brasil conseguiu sair do abismo e consolidar uma moeda forte em 1993/94. Autor do livro “3.000 Dias no Bunker”, que inspirou o recém-lançado filme “Real: o Plano por Trás da História”, o jornalista e escritor Guilherme Fiuza reconstituiu a guerra de um grupo de amigos economistas para fazer vingar o Plano Real. Isso no vácuo da derrubada do presidente Fernando Collor, o primeiro eleito pelo povo após a ditadura naquele conturbado final do século XX.

Nesta entrevista, Fiuza põe lupa nas disputas e interesses que mexeram com a vida dos brasileiros num dos históricos desafios nacionais pós-redemocratização. Ele detalha o papel do presidente Itamar Franco (que faleceu em 2011) em bancar a blindagem política daquele projeto ousado e incompreendido; revela os conflitos de bastidores do então ministro da Fazenda e líder da equipe, Fernando Henrique Cardoso (FHC, do PSDB); e narra como nasceu, do plano econômico, uma operação secreta para driblar o Fundo Monetário Internacional (FMI).

**Como Fernando Henrique patrocinou a entrada do grupo de Pedro Malan e Gustavo Franco no governo, uma equipe de “não políticos”?**

Fernando Henrique, ao assumir, já era o quarto ministro da Fazenda de Itamar Franco. Era um governo curtinho, com total instabilidade política e econômica e total falta de credibilidade. De fato, Itamar chamou FHC porque não tinha mais carta na manga. FHC estava no Itamaraty e era o

político com quem Itamar conversava melhor. Sem nenhum traquejo para economia, FHC chega precisando de um plano de emergência para levar o país até as eleições seguintes – esse era o tamanho da ambição. FHC, em vez de recorrer aos economistas tucanos, vai procurar ajuda na universidade. Conhecia o Pedro Malan, que participava da renegociação da dívida externa. Chamou Malan para montar uma equipe, e Malan chamou a turma dele, da PUC. Eles, então, apresentaram, num primeiro momento, um Plano de Ação Imediata, mas que não era tão imediata como na cabeça do FHC, envolvia um ajuste fiscal considerável.

**Era um pacote austero e impopular, e o país tinha as contas mais do que no vermelho: “na clandestinidade”. Naquele momento de transição, com onda de globalização, como se formulou aquele bunker, o começo dos trabalhos do Real?**

Pacote austero, que não dava para fazer de um dia para outro. Envolvia ações legais, alteração de regras do Orçamento, eliminação de certas “torneirinhas” abertas e privilégios. A primeira reação do FHC foi quase de indignação, dizendo que não dava para fazer naquele timing, que precisava de uma ação mais rápida, e o grupo ameaçou ir embora se não fosse daquele jeito. Então, FHC quase ficou refém disso. O pessoal reapresentou um Plano de Ação Imediata com mais de 50, 60 medidas. FHC leu, ficou muito entusiasmado. Já imaginava que haveria ataques e pediu a Itamar uma blindagem, e aí se formou o tal bunker.

**Uma fragilidade nesse grupo impediria que reformas tão contundentes saíssem do papel. Qual o mérito do Itamar em dar o aval para essa equipe e tentar blindá-los de pressões políticas?**

Digamos que o FHC articulou, regeu, e o

**Aquela aventura por dentro do poder federal mandou em três presidentes da República: Itamar Franco, Fernando Henrique e Lula. Mas Lula bagunçou todo esse sistema de estabilidade, Dilma fez maquiagem contábil, e Temer, um político antiquado, deu espaço novamente a quem sabe fazer a economia andar. É o Brasil”**

Itamar bancou. O maior mérito do Itamar foi confiar no FHC e dar carta branca para ele. Tanto que, em alguns momentos, especialmente num muito crítico na véspera da edição da URV (Unidade Real de Valor), alguns ministros, como o do Trabalho, além de militares, foram questionar as regras para URV, achando que poderia tirar poder de compra do trabalhador e do servidor, e a cabeça do Itamar estava nessa filosofia. Aí houve uma crise numa reunião, FHC chegou a pedir demissão. Foi o momento em que Itamar chegou mais perto de fraquejar, mas não fraquejou. FHC também teve esse mérito de bancar o Malan e a equipe, de acreditar que o Real fosse acontecer.

**Qual o legado desse projeto, considerando os tropeços no caminho? Inclusive, no segundo mandato de FHC, a inflação disparou e parte daqueles valores foi meio que jogada por terra, não é?**

Foi. O legado maior é institucional, porque foi necessária a construção de uma cultura de responsabilidade fiscal que, depois, virou lei. Um grande legado porque hoje, depois das contabilidades criativas do PT, o país consegue voltar a discutir austeridade sem ter mais aquele estigma de antes do Real. Ainda que populistas digam que é coisa de elite neoliberal, o argumento é mais fraco. Ajuste fiscal não é mais palavrão. O nome “responsabilidade fiscal”, inclusive, foi uma sacada, aí o pessoal entendeu melhor.

**Sacada para desmobilizar os críticos?**

É, e para mostrar que era um compromisso de responsabilidade que qualquer um tem que ter, um valor de Estado. E uma série de legislações foi adotada para assegurar isso institucionalmente. É não gastar mais que arrecada. Até o Antônio Carlos Magalhães (ACM) foi um dos grandes avalistas do Plano Real. Era um político de direita, antiquado, mas rugia para o mercado e aju-



dava a defender a moeda. Cada país tem suas maiorias, e nem sempre são virtuosas.

**A ex-presidente Dilma Rousseff (PT) foi tirada do poder, em tese, por um motivo técnico de “pedalada fiscal”. Lições do Plano Real não foram seguidas à risca?**

Montaram um gabinete de transição com Malan, Pedro Parente, Antonio Palocci (PT), e saiu dali uma diretriz sólida para o início do governo Lula. Só que depois o Lula, capitalizando um período virtuoso na economia, especialmente pela organização feita antes, inclusive com Henrique Meirelles no Banco Central, caiu na tentação de usar isso como bilhete premiado político-eleitoral. Verdade que antes, no segundo mandato, na crise de desvalorização, o governo FHC usou eleitoralmente o Real, saiu do figurino da responsabilidade fiscal, mas depois o Arminio Fraga recuperou.

**Onde o governo Lula perdeu o bonde desses princípios macroeconômicos?**

O governo Lula saiu com muito mais gula, levaram a cabo uma coisa que todo político fisiológico sonha: ficar no governo para sempre e “privatizar” os recursos públicos no sentido criminoso da palavra. Depois veio a contabilidade criativa, e foram mexendo. Todo esse arcabouço institucional de Banco Central, Tesouro, Copom, toda a relação entre os bancos muito austera e muito transparente a partir do Plano Real, tudo foi bagunçado. Foi promiscuidade no uso desses recursos, ingerência direta no BNDES, política das campeãs com empréstimos do BNDES. E jogo contábil, operações irregulares na Caixa, aí bagunçaram mesmo. Já conversei com José Dirceu. E o Palocci nem se fala. São homens inteligentes que sabiam como o projeto era bom, mas o que falou mais alto para todos eles foi a oportunidade de tomar conta do poder. Tinha essa sede do PSDB também, só que o PT foi mais longe.

**E de onde veio a nova matriz econômica de Dilma? Ela passou por cima do tripé de regime de metas de inflação, câmbio flutuante e superávit primário.**

Não existe essa nova matriz! É uma maquiagem para essa bagunça contábil, essa fantasia contábil para gastar a fundo perdido. “Você pode gastar mais porque faz uma política anticíclica”, isso tudo era conversa. Era uma propaganda fajuta. Infelizmente, não houve nova matriz econômica. Até que há atrito entre um perfil mais fiscalista, monetarista, e um governo mais desenvolvimentista, mas nem era isso.

**Tem expectativa de o país retomar esses pilares, mesmo se outro presidente cair após um ano do impeachment de Dilma?**

Não sei se Michel Temer vai cair. Ele é um político antiquado, aparentemente fisiológico, mas deu espaço novamente a quem sabe fazer. A Petrobras está com Pedro Parente, a Fazenda com Henrique Meirelles, o Banco Central com Ilan Goldfajn, todos gente fera que o mundo reconhece que sabe trabalhar. Um acadêmico acima de qualquer suspeita como Mansueto Almeida trabalhando nas reformas. Temer, sendo um político antiquado assim como Itamar era, deu espaço para os virtuosos. Não são donos da verdade, mas são caras sérios que sabem o que estão fazendo. A opinião pública e o país sentem os resultados, iniciais ainda, dessa equipe virtuosa, e isso dá uma força ao governo. Tem que investigar Temer e todo mundo, mas sem antecipar condenação.

**Por que aquela equipe mandou em três presidentes da República? Itamar, FHC e costuraram a transição com o Palocci mantendo esse tripé macroeconômico.**

Foi o resultado. Quando você tem tempo de fazer o que considera certo e isso dá resultado, como agora. Eles tiveram tempo, por essa blindagem do Itamar e do FHC, e a

**Estados Unidos bancaram Real e se aliaram à equipe**

**« O Plano Real só sobreviveu porque a Casa Branca do governo Bill Clinton avalizou o projeto de reestruturação fiscal do Brasil, apoiado por outros atores internacionais em momentos críticos. Pedro Malan já tinha excelente trânsito em Washington antes de o Brasil “dar o nó” no FMI e comprar garantias da própria dívida. “A partir dessa operação viraram realmente aliados e parceiros, passaram a acreditar bastante nessa equipe brasileira e esse lastro passou ao primeiro escalão na parceria de Clinton com FHC. Essa parceira também se estendeu a Tony Blair na Inglaterra”, diz Fiuza.**

população sentiu resultado, sentiu a moeda forte. A política é muito romantizada, mas o principal dela é organizar o país, e isso virou lastro. Claro que dá dividendos eleitorais, mas sem propaganda enganosa são dividendos legítimos. Se cair o Temer, pode ser que essa estruturação fique no caminho. Falam até de eleger o Nelson Jobim, o maior especulador da República.

**Foi a Casa Branca que segurou Pedro Malan e a equipe econômica no governo FHC? Como a equipe de Bill Clinton deu lastro e sustentação ao projeto do Real?**

Isso foi muito importante. Eles começaram tentando ajeitar as contas. E tinha que fazer a troca da dívida, que era um plano patrocinado pelos Estados Unidos com o FMI para trocar papéis dos países emergentes. O credor, desde que você esteja fazendo seu esforço de organização de con-

tas e demonstre saúde financeira, ele te concede uma garantia nova, papéis que tenham liquidez. Só que o Brasil estava esboçando o Plano Real e o FMI queria, em troca desse financiamento, impor a maneira da política macroeconômica, queria no Brasil a dolarização da moeda, como a feita na Argentina. Aí essa equipe de FHC teve a ideia ousada de, avaliando certa recuperação fiscal do Brasil, tentar comprar garantias com recursos próprios, podendo fazer o Plano Real como imaginavam.

**E fizeram uma operação clandestina?**

Sim. Eram meses comprando devagarzinho os títulos para não dar na vista. E quando essa operação foi concluída, poderia ser um incidente diplomático grave com os Estados Unidos, que mandavam no FMI. Mas foi o contrário: a equipe do Tesouro americano ficou feliz com a iniciativa e a organização do Brasil. Quando o Brasil entrou em dificuldades sérias na crise da Rússia, quem bancou realmente esse projeto foram os grandes credores internacionais: o FMI deu um cheque especial raríssimo ao Brasil, e isso foi fundamental.

**O livro de cabeceira de Malan e de outros era a biografia do presidente do Banco Central de Hitler, Hjalmar Schacht. Foi o homem que salvou a Alemanha duas vezes da falência e depois passou a maior parte da vida na cadeia. O que isso tem a ver com o preço político do poder?**

Schacht foi quase que arrastado, ele não era correligionário do Hitler nem nada. Foi meio que convocado, sabia fazer e achou que seria pior para o país se ele não fosse. Mas a política é muito cruel: ele sofreu, foi absolvido, mas julgado como colaborador do nazismo. O pessoal que fez o Plano Real também pagou muitos preços desse tipo. Há processos contra todos eles, até hoje com desdobração, e muitos deles casuísticos.